

SEC-BA

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
DO ESTADO DA BAHIA

Professor da Educação
Básica Temporário-
Educação Física

**EDITAL SEC/SUDEPE
Nº 18/2022, DE 10 DE
NOVEMBRO DE 2022**

CÓD: SL-051NV-22
7908433229575

Conhecimentos Específicos Professor da Educação Básica Temporário - Educação Física

1. Práticas corporais como textos culturais: cultura corporal de movimento e seus diversos significados.....	7
2. A Educação Física e o paradigma da linguagem.....	10
3. Conhecimentos da cultura corporal - brincadeiras e jogos, ginástica, esporte, capoeira, danças e lutas.....	16
4. Os ritos da capoeira e sua arte do movimento: performances e sua escolarização.....	16
5. Aspectos sócio-históricos da educação física.....	25
6. Política educacional e Educação Física.....	26
7. Escola, educação do corpo e cultura corporal: memória, legado e currículo escolar.....	26
8. Aspectos da competição e cooperação no cenário escolar.....	68
9. Escola e processo ensino-aprendizagem na Educação Física.....	69
10. Educação Física e sociedade: a formação das crianças e da juventude para a saúde corporal.....	73
11. Atividade física e saúde. Aspectos da aprendizagem motora, corpo e movimento: categorias, dimensões e práticas escolares	78

As brincadeiras, os tipos de ginástica, os cuidados estéticos com o corpo... enfim, tudo é influenciado pela cultura. Numa multidão, pode-se notar certos comportamentos corporais comuns, que caracterizam e padronizam um determinado povo. Aliás, como relata Rodrigues, pode-se reconhecer um brasileiro num outro país pela sua forma de andar e gesticular, sua postura, seus movimentos corporais. Duas seleções de voleibol, jogando com as mesmas regras e técnicas, e com sistemas táticos similares, possuem estilos diferentes, um jeito característico de praticar o voleibol ou o futebol, que reflete tradições culturais distintas. Ao se pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal, já que homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas. Estamos falando das técnicas corporais, que Marcel Mauss, um antropólogo francês, definiu, já na década de 30, como as maneiras de se comportar de cada sociedade. Mauss considerou os gestos e os movimentos corporais como técnicas próprias da cultura, passíveis de transmissão através das gerações e imbuídas de significados específicos. Técnicas corporais culturais, porque toda técnica é um hábito tradicional, que passa de pai para filho, de geração para geração. Segundo ele, só é possível falar em técnica, por ser cultural. Kofes, reforçando esse ponto de vista, afirma que o corpo é expressão da cultura, portanto cada cultura vai se expressar através de diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura. É nesse contexto que Damatta pôde afirmar que existem tantos corpos quanto há sociedades.

O corpo humano não é um dado puramente biológico sobre o qual a cultura impinge especificidades. O corpo é fruto da interação natureza/cultura. Conceber o corpo como meramente biológico é pensá-lo - explícita ou implicitamente - como natural e, conseqüentemente, entender a natureza do homem como anterior ou pré-requisito da cultura. Santos critica os que propõem a volta a um suposto corpo natural não atingido pela cultura. Segundo ele, não se pode esquecer da natureza necessariamente social de uso do corpo, sendo possível somente pensar em novos usos do corpo, já que a cultura é passível de reinvenções e recriações. Rodrigues afirma que "(...) nenhuma prática se realiza sobre o corpo sem que tenha, a suportá-la, um sentido genérico ou específico". É justamente esse sentido específico que incide sobre toda e qualquer atividade corporal o que impede de pensar o corpo como um dado biológico. O que define corpo é o seu significado, o fato dele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais. Fica evidente, portanto, que o conjunto de posturas e movimentos corporais representam valores e princípios culturais.

Conseqüentemente, atuar no corpo implica em atuar sobre a sociedade na qual este corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano - e a Educação Física faz parte delas - sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas neste contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da vida social.

Entretanto, os profissionais de educação física, cotidianamente, utilizam o termo técnica não no sentido que o fez Mareei Mauss, de um ato cultural, mas como um conjunto de movimentos considerados sempre corretos, precisos, melhores do que outros. Nas aulas, o aluno melhor é aquele que chega mais próximo da técnica considerada certa pelo professor.

Falamos de um andar correto, de um correr adequado, de uma postura melhor, de um corpo perfeito, desconsiderando, muitas vezes, que os movimentos são também culturais. A especificidade de raça humana é se apresentar e se dispor através de grandes diferenças. Embora se apresentando diferentemente, os homens não perdem a condição de membros da espécie humana. Acreditamos já ser possível pensar no duplo sentido do termo Cultura Corporal. No primeiro, que rebatemos, se pressupõe uma única técnica sobre o corpo; a palavra cultura acaba sendo usada como sinônimo de treinamento, adestramento do corpo. É neste sentido que termos como culturismo e fisioculturismo são utilizados, constituindo-se em mais um discurso sobre o corpo, apenas uma das técnicas sobre ele colocadas. Não a única, nem a melhor.

O sentido de Cultura Corporal que utilizamos parte da definição ampla de Cultura e diz respeito ao conjunto de movimentos e hábitos corporais de um grupo específico. E nessa concepção que se pode afirmar que não existe um discurso puro do corpo. O corpo não fala sobre o corpo, será apenas mais um discurso sobre o corpo. Em uma dada época, num determinado contexto, um discurso prevalece sobre o outro. Em outros termos, não há corpo livre, mas discursos sobre corpo livre; não há corpo consciente, mas discursos sobre corpo consciente. Kofes discutiu de forma pertinente esta questão do discurso do corpo X discurso sobre o corpo, afirmando que é necessário manter as seguintes indagações quando se aborda esse tema: "(...) o que a sociedade está afirmando dos corpos? que corpos? que individu-

alidades? que sociedades?”. Na Educação Física brasileira, atualmente, começa a ser utilizado o termo Cultura Corporal em sentidos próximos daquele por nós defendido. No livro Metodologia do Ensino de Educação Física encontramos a seguinte referência: “(...) a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade (...)”. Pereira fala de uma cultura física como “(...) toda a parcela da cultura universal que envolve o exercício físico, como a educação física, a ginástica, o treinamento desportivo, a recreação físico-ativa, a dança etc.”. Betti lembra que Feio já se referiu a uma cultura física como parte de uma cultura geral, que contempla as conquistas materiais e espirituais relacionadas com os interesses físico-culturais da sociedade.

A pesquisa antropológica, embora incipiente na área, pode ser útil na medida em que se preocupar com os discursos sobre o corpo, ou, melhor dizendo, com as representações sociais que suportam as várias concepções de corpo, concepções essas que justificam e orientam determinadas práticas profissionais num grupo específico e numa dada época. Qual é a representação de corpo que os professores de Educação Física possuem? Que conjunto de significados a respeito do corpo possuem os frequentadores de academias de ginástica? Qual é o universo simbólico a respeito do corpo que técnicos esportivos possuem? Essas perguntas somente agora começam a ser formuladas, ainda não sendo possível respondê-las de forma mais profunda. A intenção destas reflexões foi somente a de alertar que os profissionais de educação física, por trabalharem com o homem através do seu corpo, estão trabalhando com a cultura impressa nesse corpo e expressa por ele. Portanto, mexer no corpo é mexer na sociedade da qual esse corpo faz parte. O profissional pode fazer isso de forma explícita, atento para as consequências do seu trabalho, ou de forma implícita e inconsequente. Parece-nos evidente tentarmos estar atentos e conscientes em relação ao papel do corpo na cultura.

A atividade física é entendida como todo e qualquer movimento corporal que resulta num gasto energético acima dos níveis de repouso. Desta forma, a atividade física seja no trabalho, no lazer e nas demais atividades diárias é apontada como importante aliada quando se refere à manutenção corporal e prevenção de doenças crônicas degenerativas (GLANER, 2002).

A BNCC [Disponível em <https://www.dicaseducacaofisica.info/praticas-corporais/> Acesso 12.07.2022] divide as práticas corporais na Educação Física Escolar por “Unidades Temáticas” da seguinte forma:

- Brincadeiras e jogos;
- Esportes;
- Ginásticas;
- Danças;
- Lutas;
- Práticas Corporais de Aventura.

Prática Corporais de Brincadeiras - Amarelinha, pular corda, elástico, bambolê, bolinha de gude, pião, pipas, lenço atrás, corre cutia, esconde-esconde, pega-pega, coelho sai da toca, duro ou mole, agacha-agacha, mãe da rua, carrinhos de rolimã, cabo de guerra, etc.

Práticas Corporais de Esportes - possuem a seguinte classificação segundo a BNCC da Educação Física.

- Esportes de Marca: Conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar os resultados registrados em segundos, metros ou quilos.

- Esportes de Precisão: Conjunto de modalidades que se caracterizam por arremessar/lançar um objeto, procurando acertar um alvo específico, estático ou em movimento, comparando-se o número de tentativas empreendidas.

- Esportes Técnico combinatório: Reúne modalidades nas quais o resultado da ação motora comparado é a qualidade do movimento segundo padrões técnico-combinatórios.

- Esportes de Rede ou quadra dividida ou parede de rebote: Reúne modalidades que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou que leve o adversário a cometer um erro dentro do período de tempo em que o objeto do jogo está em movimento.

- Esportes de Campo e taco: Categoria que reúne as modalidades que se caracterizam por rebater a bola lançada pelo adversário o mais longe possível, para tentar percorrer o maior número de vezes as bases ou a maior distância possível entre as bases, enquanto os defensores não recuperam o controle da bola, e, assim, somar.

expressão e manifestação corporal, revelando formas de comunicação não verbal. Desse modo, para esta autora, as relações humanas se constroem através da comunicação não verbal, de uma linguagem corporal. Neste contexto, “há consenso no campo de que o corpo não está submetido ao texto. Os gestos não são usados apenas para preencher os silêncios, as lacunas do discurso” (PUJADE-RENAUD, 1990, p. 65). Pelo contrário, o corpo é constitutivo da comunicação e não somente o aparato fisiológico.

Nesse sentido, estudos sobre a comunicação não verbal ganharam novo impulso nas últimas décadas (SILVA, 1987). Por isso, conceituar o que é linguagem corporal seja um dos assuntos muito de grande enfoque e discussão na literatura por diversos autores. A comunicação não verbal, segundo Corraze (1982), é o conjunto dos meios de comunicação existente entre os seres vivos que não usam a linguagem humana ou seus derivados não sonoros (escritos, linguagem dos surdos, etc.). De acordo com Mesquita (1997), a comunicação não verbal pode ser dividida em dois grupos:

a) Aquilo que se refere ao corpo (corporal) e ao movimento e representa unidades expressivas: a face, o olhar, os gestos, as ações, as posturas e a paralinguagem;

b) aquilo que é relativo ao produto das ações humanas e formas de expressão: a moda, os objetos do cotidiano e da arte, a própria organização dos espaços.

Corraze (1982) afirma que a comunicação não verbal pode ser sonora e o que seu conceito exclui é o sistema linguístico humano (este que é verbal). O termo comunicação não verbal é aplicado a gestos, as posturas, a orientação do corpo, a organização de objetos, a relação de distâncias entre os indivíduos, significando uma linguagem corporal. Este autor opõe-se a Birdwhistell (1952, apud DAVIS, 1979), porque ele afirma que a comunicação não é constituída exatamente como a linguagem, e que atualmente este conceito é amplamente rejeitado.

A partir deste trecho, percebe-se que:

Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas, as palavras da boca é que nem tentaram sair, tornavam ao coração caladas como vinham... (MACHADO DE ASSIS, *in* Dom Casmurro, 1969, cap. 14, p. 30).

É possível afirmar na expressão acima que os movimentos corporais modificam os padrões de comunicação, de coordenação física e de reconhecimento conceitual de novos gestos. Sabe-se, ainda, que eles são modificados pelas adaptações feitas pelo corpo, o qual percebe e age com essa informação. Corraze (1982) afirma que a comunicação se efetua através da transferência de informação, sob duas condições principais: a primeira é a presença de dois sistemas: um emissor e um receptor; a segunda é a transmissão de mensagens.

Os indivíduos têm uma forma diferenciada de se comunicar corporalmente, que se modifica de cultura para cultura. O indivíduo, portanto, aprende a fazer uso das expressões corporais, de acordo com o ambiente onde ele está inserido, ou seja, todo movimento do corpo tem um significado correspondente ao contexto (BRASIL, 1999). Com isso, entende-se que o corpo emprega a gesticulação como um modo de se comunicar, de construir metáforas, articular pensamentos, abrindo espaço para repensar qual movimento adotar, chamada de linguagem corporal.

Educação Física e a linguagem corporal

Conforme Rector e Trinta (1986, p. 25), a Programação Neurolingüística (PNL), a língua, os usos lingüísticos, os hábitos fonéticos individuais e coletivos têm, até aqui, sido objeto de estudo da lingüística e mesmo de outras disciplinas científicas, que se ocupam, de uma ou outra forma, a linguagem humana. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio - PCNEM (BRASIL, 1999):

A linguagem verbal é a língua falada ou escrita, ou seja, a linguagem que se vale da palavra. As demais são não-verbais. [...] O conceito de linguagem é a espinha dorsal da área, sustenta direta ou indiretamente todos os demais, articulando-os, pois dele deriva a constituição e a natureza da própria área (língua portuguesa; língua estrangeira; linguagens da arte; linguagem corporal; linguagem digital) (p. 40).

Em Educação Física, segundo PCNEM (BRASIL, 1999), os conceitos estruturantes e as competências mais diretamente relacionadas a cada um deles podem traduzir-se, de acordo com os três eixos que organizam a disciplina, dentre elas a linguagem corporal:

Quando os homens se comunicam, lançam mão de um vasto repertório: usam todo o corpo e todos os textos nele manifestos. Essas comunicações são textos, isto é, gestos – tomados num sentido mais amplo do que apenas movimentação de partes do corpo. Incluem desde o sutil franzir de sobrelhas até o vigoroso acenar dos braços, o jeito de andar e de se sentar. Os gestos e os movimentos fazem parte dos recursos de comunicação que o ser humano utiliza para expressar suas emoções e sua personalidade, comunicar atitudes interpessoalmente e transmitir informações. A capacidade de gesticular é universal, faz parte da faculdade humana de se expressar e comunicar (p. 140).

Desse modo, pode-se entender que gestos são textos, movimentos comunicativos do corpo impressos por uma determinada cultura. Da mesma forma que:

[...] os gestos, as posturas e as expressões faciais são criados, mantidos ou modificados em virtude de o homem ser um ser social e viver num determinado contexto cultural. Isto significa que os indivíduos têm uma forma diferenciada de se comunicar corporalmente, que se modifica de cultura para cultura (PCNEM, BRASIL, 1999, p. 160).

Também, segundo PCNEM (BRASIL, 1999, p. 145), uma das competências a serem alcançadas a partir das aulas de Educação Física refere-se à utilização das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos de interlocutores. Mais ainda, refere-se à capacidade de o aluno situar-se como protagonista dos processos de produção e recepção de textos construídos em linguagem corporal. Para tanto, os professores poderiam propor atividades nas quais os inúmeros textos corporais fossem investigados. Já que em algumas áreas [...] (consequentemente os professores) vem colecionando diversas críticas à sua atuação na escola (BRASIL, 1999, p. 146).

Outro aspecto a ser considerado é que, segundo Ayoub (2001, p. 58), muitas vezes, por existir um espaço específico para um trabalho corporal nas aulas de educação física, nos demais tempos da jornada cotidiana, acentua-se um trabalho de natureza intelectual no qual a dimensão expressiva por meio da linguagem corporal é praticamente esquecida.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a) recomenda-se que o aluno deva adotar hábitos saudáveis para si e para a coletividade, utilizar as diferentes formas de linguagem dentre elas a corporal, compreender a cidadania atuando de forma crítica responsável e construtiva. Bem como observam os conteúdos de Educação Física para o Ensino Fundamental como expressão de produções culturais, conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos, vendo a “Educação Física como uma cultura corporal” (BRASIL, 1998b, p. 10).

Para fins de discussão, Borges (1992) entende que Educação Física é uma prática pedagógica desenvolvida na Escola e que se ocupa de uma área de conhecimento chamada cultura corporal que são todas as manifestações corporais social e historicamente construídas. Deste modo, para este mesmo autor, o movimento é percebido como expressão e manifestação corporal e é tema a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física.

Assim sendo, percebe-se que a linguagem corporal é aquilo que o sujeito transmite através de sua postura, de seu tônus muscular, de cada gesto na direção de outro gesto. De acordo com Reis (1969, p. 175), a linguagem corporal se torna um complemento da voz, uma linguagem por natural, onde todos entendem. Logo, entende-se que gesticulação é a moldura que se aplica à manifestação oral, para reforçar períodos, conferindo ao discurso maior expressividade. Dessa forma, para Reis (1969), os gestos representam para o movimento o que configura a língua para a linguagem, elos de comunicação, uma ponte que liga um objeto a um destino, um entendimento dependente dos comportamentos humanos.

Em vista disso, “o corpo é veículo e meio de comunicação. O relacionamento interpessoal só é possível pela comunicação e pela linguagem que o corpo é e possui” (BRASIL, 1999). Da mesma forma, o sujeito pode dizer aos outros sobre o seu pensar, reescrevendo o que foi escrito por outros, mas de forma pessoal e única, impregnando, as ações e mensagens emitidas, com a sua personalidade. Portanto, em meio de outras informações do corpo, como possibilidades de investigação do movimento e a sua necessidade, para Well e Tompakow (2000), o gesto se faz mais que uma probabilidade, é, indubitavelmente, indispensável para compor a comunicação.

A importância da comunicação não verbal na educação profissional

Dentre as várias maneiras com que o homem pode exprimir seus pensamentos, sentimentos e anseios, o gesto ocupa lugar de destaque pela sua eloquência, simplicidade e rapidez. [...] Para a linguagem gesticulada, pode-se valer de todo o corpo (atitude e postura) ou de uma das partes (mímica das mãos, da face, dos olhos, dos lábios, etc.). (MARONE, 1999, p. 15).

Com isso, tem-se em mente que a expressão corporal é uma projeção de pensamento exprimidos em ações por meio da seleção e adequação de gestos e movimentos e da inter-relação de determinadas situações em que o meio oferece. Segundo Reis (1969, p. 174): “não adianta, mesmo que não queira, o corpo fala e, às vezes, grita. Ele trai o que a palavra insiste muitas vezes em esconder, ele tira os véus e desnuda quem realmente somos”.

Nesse sentido, considera-se que a competência de ouvir e entender o outro inclui não apenas a fala, mas também às expressões e manifestações corporais. Estes aspectos, segundo Cotes e Ferreira (2001), devem ser enfrentados como elementos fundamentais no processo de comunicação e, por isto, acredita-se que o estudo da comunicação não verbal (linguagem corporal) deveria assumir um papel importante na decodificação das mensagens vivenciadas durante o processo de interação. Complementando com isso, o reconhecimento da existência e do valor de um modo não verbal, que se expressa através do corpo e do movimento do ser humano, ao lado do verbal expresso através do corpo e do movimento do ser humano, ao lado do verbal (MACHADO e MIRANDA, 2006), é de capital importância para profissionais que interagem com pessoas no seu dia a dia, principalmente para aqueles cuja ação está mais diretamente relacionada

Assim os dois conteúdos saúde e biomecânica são de fundamental importância para compreender a natureza do *conhecimento sobre o corpo*, uma vez que estes possam levar o aluno a ter ações críticas com relação aos movimentos, conseqüentemente proporcionando uma vida mais saudável.

Dispensar esta preocupação é afastar um importante canal de reflexão a ser inculcada aos alunos, pois a arte de educar busca a intervenção salutar, de forma que toda oportunidade deve ser aproveitada ao máximo.⁵

MAGILL, R. *Aprendizagem motora: conceitos e aplicações*. São Paulo: Blucher, 2002,

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO ÀS HABILIDADES MOTORAS

Conceito 1.1 – As habilidades motoras podem ser classificadas em categorias gerais.

Aprendemos fazendo. A prática é tão importante no processo de aprendizagem que é explicitamente citada em sua definição. De acordo com Magill (1989), a aprendizagem refere-se a uma mudança na capacidade do indivíduo executar uma tarefa, mudança esta que surge em função da prática e é inferida de uma melhoria relativamente permanente no desempenho. Assim, a prática é condição necessária embora não suficiente para que ocorra a aprendizagem.

Mas o que muda com a prática no comportamento humano? Qual é a natureza das mudanças que ocorrem com a aprendizagem e como podemos explicá-las. Diferentes níveis de análise podem ser utilizados para responder à questão formulada e em cada um deles diferentes referenciais teóricos podem ser encontrados. Isto significa que qualquer resposta sobre o que muda com a prática deve ser vista a partir do paradigma utilizado para descrever, explicar e prever o fenômeno da aprendizagem.

É difícil não associar a Educação Física à formação do atleta: certamente será mais fácil dedicar-se a atividades esportivas se a criança adquirir habilidades motoras orientadas desde cedo. Mas isso também facilitará atividades cotidianas como dançar, dirigir, participar de jogos de lazer, trabalhar ou simplesmente fugir da chuva numa calçada cheia de buracos. O trabalho orientado em Educação Física busca a formação da pessoa «coordenada», como se diz popularmente. E o êxito é resultado de um processo contínuo e sistemático de aprendizagem, que deve ser estimulado desde o início da idade escolar.

Desde quando nascemos, somos levados a nos mexer, e isso, normalmente não para, vai evoluindo, vai crescendo, melhorando sua capacidade e progredindo para uma performance, onde os movimentos são executados com uma maior precisão e um menor gaste de energia.

Segundo FREIRE, J. B., a infância é um período muito intenso de atividades: as fantasias e os movimentos corporais ocupam quase todo o tempo da criança, por isso, a primeira infância (Para Piaget, o primeiro período de vida da criança, que vai do nascimento até o surgimento da linguagem, é chamado por ele do ponto de vista da inteligência, de SENSÓRIO MOTOR, nele, pode ser distinguidos três estágios: “o dos reflexos, o da organização das percepções e hábitos, e o da inteligência propriamente dita) é um período da vida onde se pode viver muito intensamente e, como em qualquer outra fase da vida, vale a pena viver como se cada dia fosse o último de todos.

A criança, em sua primeira infância, é muito centrada nela mesma. Constrói sua realidade trabalhosamente, adquirindo noções espaciais, temporais e do próprio corpo, diferenciando-se, assim, dos objetos ao seu redor. É plenamente admissível, portanto, que essa centralização nela mesma permaneça durante algum tempo. (Essa centralização, Piaget chama de egocentrismo). O que não se deseja é que essa auto centralização estenda-se por longo tempo, atravessando a segunda infância, a adolescência e a adulta.

As habilidades motoras precisam ser desenvolvidas, sem dúvidas, mas deve estar claro quais serão as conseqüências disto do ponto de vista cognitivo, social e afetivo. Além destes aspectos levantados rapidamente, é preciso entender que as habilidades motoras, desenvolvidas num contexto de jogos, de brinquedos, no universo da cultura infantil, de acordo com o conhecimento que a criança já possui, poderão se desenvolver sem a monotonia dos exercícios prescritos por alguns autores. Talvez não se tenha atentado para o fato de que jogos, como amarelinha, pega - pega, cantigas de roda, tem exercido, ao longo da história, importante papel no desenvolvimento da criança. Lamentável, é saber que não tenham sido incorporados aos conteúdos pedagógicos das aulas de Educação Física, e pior, ministrado muitas vezes por “professores incapacitado” para a área, talvez, mesmo tendo diploma.

Aprender a trabalhar com estes brinquedos poderiam garantir um desenvolvimento das habilidades motoras sem precisar impor às crianças uma linguagem corporal que lhes é estranha. Assim, como a linguagem verbal falada pelo (a) professor (a) em sala de aula é, por vezes, incompreensível para os alunos, também a linguagem corporal pode sê-lo, se não referir, de início, a cultura que é própria do aluno.

⁵Fonte: www.eefe.ufscar.br - Por Flaviane da Silva Mendes/Paula Hentschel Lobo da Costa

Não poderia deixar de destacar que, felizmente e infelizmente, nos dias de hoje, as crianças tem se desenvolvido intelectualmente muito superior às das crianças de 10 anos atrás, isso, com certeza graças às oportunidades que lhes são oferecidas: computadores (internet), televisão (antena parabólica e muito mais). No entanto, motoramente falando, graças aos grandes centros urbanos e a violência que corre solta, nossas crianças são “privadas de movimentar-se”, presas em suas próprias casa, frente a computador, televisão e vídeo game, e isso, contribui maciçamente para o atrofiamento da parte motora, tão importante para o desenvolvimento da criança.

O movimento é a base do domínio motor. A aprendizagem dos movimentos e o desenvolvimento das habilidades motoras devem ser os principais objetivos de qualquer atividade física, mas especialmente naquelas desenvolvidas pelas escolas. A atividade física está diretamente ligada a três fatores: crescimento e desenvolvimento, desenvolvimento motor e aprendizagem motora.

Veja o esquema abaixo:



Fique ligado!

- Crescimento: aumento do total da massa e do tamanho do corpo.
- Desenvolvimento: maturação e diferenciação dos tecidos e órgãos que são necessários para a formação e complementação do indivíduo, como por exemplo, o desenvolvimento do sistema neuromuscular.
- Desenvolvimento motor: capacidade de exercer controle sobre o movimento.
- Aprendizagem: mudança interna do indivíduo, deduzida de uma melhoria relativamente permanente em seu desempenho, como resultado da prática.

Acrescentamos a palavra motora (movimento) à palavra aprendizagem para indicar o tipo específico de aprendizagem que nos interessa.

Assim nos diz o autor: “Definimos habilidades motoras como habilidades que exigem movimento voluntário do corpo e/ou dos membros para atingir suas metas. Há uma grande variedade de habilidades motoras, por exemplo, segurar uma xícara, andar, dançar, jogar bola e tocar piano. Frequentemente nos referimos a essas habilidades como ações. Os movimentos são componentes das habilidades e das ações. Como há habilidades motoras diferentes, os pesquisadores desenvolveram sistemas de classificação para organizá-las. Estes sistemas identificam características comuns das habilidades e separam-nas em categorias diferentes, de acordo com suas características. Os sistemas de classificação são importantes para ajudar os professores e terapeutas a aplicar conceitos e princípios da aprendizagem de habilidades motoras em programas de treinamento e reabilitação.” (MAGILL, R. A. Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. São Paulo, Edgard Blucher, 5ª ed., 2000. p. 15)

“Discutimos três esquemas de classificação que agrupam as habilidades motoras em categorias baseadas em uma característica comum. Um sistema se baseia nas dimensões da musculatura necessária para desempenhar a habilidade e classifica as habilidades em grossas ou finas. O segundo se baseia na distinção entre os pontos inicial e final de uma habilidade e classifica as habilidades em discretas ou contínuas. O terceiro sistema de classificação se baseia na estabilidade do ambiente onde a habilidade é desempenhada. Se o ambiente for estável, o sistema classifica as habilidades como habilidades motoras fechadas. Se o ambiente for variável, o sistema de classifica as habilidades como habilidades motoras abertas.” (MAGILL, R. A. Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. São Paulo, Edgard Blucher, 5ª ed., 2000. p.15)

“O quarto sistema de classificação se baseia em duas características comuns das habilidades. Gentile desenvolveu uma taxonomia que apresenta dezesseis categorias de habilidades motoras criadas a partir das características de habilidades: contexto ambiental e função da ação. A taxonomia nos ajuda a aumentar os conhecimentos sobre as exigências fundamentais das diferentes habilidades motoras impostas a uma pessoa no momento em que ela está desempenhando essas habilidades. A vantagem prática dessa taxonomia é que ela fornece um orientação eficiente para os terapeutas e